

# Infohabitar, Ano X, n.º 482

## Espaço público e identidade urbana

### Qualificação do espaço público como fator de identidade e apropriação coletiva do espaço construído

António Baptista Coelho

#### Construir no construído

Requalificamos o espaço público para que este seja mais e melhor habitado e pensamos num reabilitar da cidade no sentido de a podermos ter mais viva e estimulante.

Há que privilegiar “o construir no construído”, na excelente e ampla perspectiva defendida por Francisco de Gracia (1), que se baseia numa reconstrução da coesão urbana marcada pela escala e uso humanos, pelo desenvolvimento de adequados estímulos visuais e funcionais e por uma cuidadosa e vitalizada densificação; estando todos estes aspetos integrados num objetivo de verdadeira reabilitação da paisagem urbana local, que há que preservar e reconstruir, designadamente, nos seus aspetos orgânicos e ligados ao respetivo carácter do lugar.

Isto obriga a um projecto arquitetonicamente bem fundamentado em cada lugar, e bem qualificado, numa metodologia que foi já praticada, entre nós, em ações de referência que é essencial divulgar e visitar/viver local e demoradamente.



Fig. 01

## Sobre a cidade do pormenor e do vagar

Nesta matéria o Arq.º Yves Lyon, faz uma síntese, quando refere que *“depois do período dos grandes projectos há que assumir a arquitectura como abertura ao mundo ... numa clara abertura à vida, bem distinta de clausuras disciplinares”*; defendendo *“uma nova actividade de arquitecto feita da atenção para com os lugares”* e que privilegie *“não mais a criação de objectos isolados, mas sim a integração, a conjugação e o desenvolvimento de ligações entre sítios, entre pessoas e entre exigências e necessidades.”*

Uma recriação marcada pela escala e uso humanos, seja na requalificação do próprio espaço exterior público, seja na relação que nele se deverá desenvolver com os vãos dos edifícios contíguos, refazendo-se um exterior público religado à “presença ampliada do homem”, como escreve Rudolf Arnheim (2), e um exterior público renovado, libertado da opressão do veículo motorizado, e que, assim sendo, pode e deve ser estratégica e agradavelmente pontuado por verdadeiros recantos domésticos, como por exemplo acontece em centros históricos e em novos bairros bem desenhados como, por exemplo, Alvalade e Olivais-Norte em Lisboa.

Assim se melhora a imagem urbana para promover o uso intenso do exterior, condição que proporciona melhor fruição dessa imagem urbana, num círculo virtuoso de melhor imagem e mais e melhor uso, e numa atenção às suas sequências, pormenores e recantos de estar, que, por sua vez é dinamizadora de melhores relações de identificação com cada local e de melhores condições de segurança pública no seu uso.

Mas evidentemente que nas ações de requalificação o espaço público não podemos desenvolver uma segregação simplista do automóvel privado, pois como escreveu Spiro Kostof (3), *“o mais importante aspecto do apoio ao peão ... liga-se ao desenho de vizinhanças residenciais ... através de um novo tipo de rua .. cuja principal função não é a circulação e o estacionamento automóvel, mas sim o andar a pé e o recreio.*

*E este caminho, bem marcado numa importante exposição aqui neste museu ... e que parece estar a ser ... seguido pela CML ... é essencial numa urgente recuperação da cidade para o cidadão, passo essencial de uma requalificação do espaço público, que o reabilite como espaço privilegiado e protector dos mais idosos e dos mais jovens.”*

Escreveu António Pinto Ribeiro (4), sobre esta matéria, que *“seria desejável que a cidade voltasse a ter como medidas de planeamento o peão e o utente do transporte público. Tal corresponderia, segundo penso, a uma ligação mais epidérmica com o espaço, à possibilidade de se instalar durabilidade” (e talvez verdadeira sustentabilidade) “no tempo de gozo da cidade”; .... acabei de citar.*



Fig. 02

## **Cidade passeada, cidade habitada**

E o peão precisa de verdadeiras cenas habitadas, precisa de emoção e de conteúdos, não apenas funcionais e o peão gosta de sentir que passeia em zonas vivas e nestas matérias provavelmente o habitar do dia-a-dia ganhará com algumas técnicas ligadas ao turismo, enquanto o turismo pode ganhar muito com alguma da qualidade espontânea e com o sentir e participar (d)a vida de comunidades residenciais positivamente caracterizadas e ativas, e exemplo disto encontra-se já em vários “centros históricos” vivos como o de Guimarães.

Precisamos de passear fisicamente e mentalmente, viajando, pausada e agradavelmente, por uma cidade desaparecida, mas que esteja viva, é esse o objetivo que devemos ter em mente, e para isso é fundamental associar, sistematicamente, a resolução dos problemas de carências habitacionais aos da falta de qualidade e vitalidade urbanas.

Afinal não basta ordenar o espaço para se criar um ambiente interessante e motivador; o habitante também necessita de emoção na relação afetiva com o espaço urbano e o uso a pé do espaço público é ação de grande proximidade e, portanto, muito diretamente estimulada pela qualidade do desenho urbano.

## **Vizinhanças amigáveis, vizinhanças amáveis**

Importa salientar que, hoje em dia, não parece haver ainda um conhecimento devidamente sedimentado, publicitado e, essencialmente, consensualizado (no que for possível) sobre a qualidade urbana que é possível ter, por exemplo, numa praça ou rua residencial, verdadeiramente amigável, apropriável, digna a atraente.

Os conhecimentos e as preocupações continuam a estar, aqui, dirigidos para os aspetos funcionais do tráfego de veículos. Estamos agora apenas a começar a ultrapassar a medo uma tal estrita e fictícia funcionalidade numa perspetiva de simples defesa da segurança pedonal, falta-nos todo um caminho de humanização de conteúdos funcionais e de imagens.

E não é possível deixar de referir que este caminho de projeto deve ser compatibilizado com a disponibilização de novas tipologias residenciais adequadas para pessoas sós e pequenas famílias, numa ação que contribui, estrategicamente, para a vitalização da cidade com novos habitantes e habitantes muito disponíveis para participar nessa vitalização, até porque serão pessoas que irão encontrar nesse meio urbano “concentrado” condições

adequadas para a manutenção ou a redescoberta do interesse, da riqueza e da vitalidade e funcionalidade na vida diária cidadina.

## **Cultura e urbanidade**

Neste processo de reflexão e de projeto importa aplicar ferramentas facilitadoras das intervenções e nesta matéria devemos ter presente que a revitalização urbana, a dinamização da cultura e da arte, e a criação de uma cidade mais cívica, humana e ambientalmente sustentável, são aspectos que mutuamente se conjugam e se influenciam.

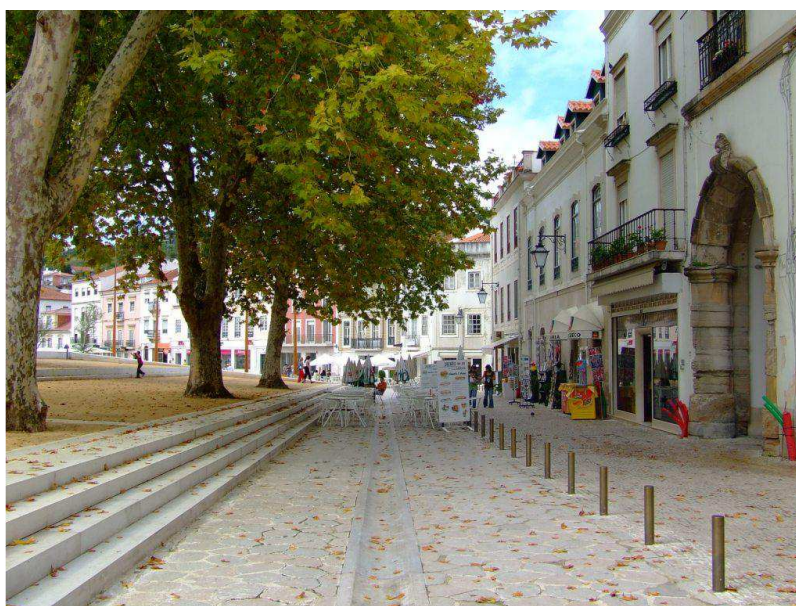


Fig. 03

## **Aliança entre intervenções no exterior urbano e nos edifícios**

Em tudo isto importa salientar que grande parte do segredo de uma cidade viva e sensível relativamente aos seus habitantes, está num tecido urbano com continuidades afirmadas, que acolham bem e atraentemente uma diferenciação formal e funcional equilibrada, em continuidades urbanísticas não especializadas e que levem a cidade até à porta de muitas casas, enquanto também proporciona recantos “domésticos” em zonas cidadinas mais animadas.

E esta grande unidade dos espaços urbanos e residenciais constitui-se num fundamental ligante de apropriação, sendo que nesta unidade formal e funcional fica evidente o protagonismo do espaço público.

Um protagonismo que é essencial veículo de diversas qualidades da urbanidade, entre as quais é hoje em dia bem oportuno evidenciar a criação de espaços com



usos mistos; sejam exteriores, sejam edifícios, sejam unidades com partes interiores e exteriores.

### **Do estímulo e da surpresa na cidade**

Mas todo este caminho não é possível sem intervenções marcadas pela qualidade arquitetónica e que tenham em devida conta adequadas condições estímulo, surpresa, considerando mesmo um certo sentido lúdico (...), pois o espaço urbano para além de nos acolher e proteger, também nos deve estimular e surpreender, pela positiva naturalmente, e nesta perspetiva o adequado manear da imagem urbana é essencial e nele a intervenção no espaço público é sempre determinante.

E, tal como referiu a colega Marilice Costi, num dos primeiros artigos do Infohabitar em Junho de 2005: *“Uma cidade precisa surpreender, mostrar sua história, entregar-se a quem passa por ela e dar-lhe o seu sabor. Ela precisa apaixonar a qualquer um, provocar sensações, proporcionar vivências. Ser lugar para seus moradores e um novo lugar para quem chega.”*

#### **Infohabitar a Revista do Grupo Habitar**

**Editor: António Baptista Coelho**

**Grupo Habitar (GH) - Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional**

**Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do LNEC**

**Edição de José Baptista Coelho**

**Lisboa, Encarnação – Olivais-Norte**

**Infohabitar, Ano X, n.º 482, 27 de abril de 2014**

#### **Etiquetas:**

Etiquetas: [apropriação espacial](#), [espaço público](#), [identidade urbana](#), [imagem urbana](#), [reabilitação urbana](#), [Regeneração Urbana](#), [urbanismo](#).